

Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade

**Francisco de Oliveira, Maria de Fátima
Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
(coord.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

INTRODUÇÃO

Abordar o assunto ‘crime’ e ‘violência’ no Mundo Antigo implica uma reflexão cronologicamente ampla, tematicamente diversificada e esteticamente plural. Séculos de história contextualizaram uma produção literária abundante, onde a violência aparece como um tema transversal, como uma componente indissociável da experiência humana.

No plano individual, doméstico, social e político, a violência infiltra-se como um vestígio daquilo que é, na sua essência, a criatura humana: mais um elemento animal, ainda que privilegiado nas suas características, do universo. Não sem que, nas suas manifestações, a violência contribua - por estranho paradoxo -, como um factor de estímulo civilizacional, para uma definição de valores sociais, para o estabelecimento das instituições cívicas, para o desenvolvimento económico e técnico, numa palavra, para o progresso.

Estas são etapas da história da Humanidade que a literatura foi acompanhando, como um eco fiel, e de que foi, através dos séculos, registando a imagem. Em diálogo com a realidade do momento e com a sua própria tradição, os géneros foram-se sucedendo, sempre atentos a esta componente social, para que encontraram uma expressão que, sem rupturas com modelos do passado, foi mesmo assim rompendo novos caminhos.

Após um breve estudo dedicado a conceitos elementares nesta trajetória, as reflexões que compõem este volume abarcam um lapso dilatado de séculos, começando na referência incontornável que são os poemas homéricos, para chegar a uma actualidade nossa contemporânea.

Da transgressão ‘moral’, já esboçada em Homero, a época clássica evoluiu para o aprofundamento interior da consciência do crime e da sua punição institucionalizada pela *polis*. A definição progressiva de uma justiça adequada à Atenas democrática, como a efervescência de um mundo de pleitos em que

a cidade se tornou – sempre expressas com recurso à simbologia do mito –, encontraram no teatro, como na retórica forense, dois cenários de uma enorme vitalidade.

Da época helenística, dois géneros literários – a novela e a biografia – enquadraram, dentro de uma tradição onde a narrativa épica e os relatos históricos deixaram a sua marca, dois fenómenos de violência colectiva: a pirataria e as campanhas militares que, sob o comando de Alexandre, romperam fronteiras e simplesmente revolucionaram a perspectiva de ‘mundo’ e de ‘existência’.

A agitação social de que Roma foi cenário, em tempos da República e do Império, permite uma focagem endémica da violência, centrada sobretudo nos conflitos sociais e na punição, interior ou colectiva, que um outro *nomos* exigia.

Para chegarmos à contemporaneidade, onde, sob inspiração dos temas e modelos clássicos, a narrativa de ficção ou o teatro continuam a dar voz ao mesmo fenómeno do crime. A nova leitura que Mário Cláudio propôs do tema de Medeia encerra o volume, com a frustração de uma actriz que um dia sonhou representar a princesa da Cólquida e com o simbólico dismantelar, criminoso, do edifício do teatro: apenas uma tentativa vã de eliminar os vestígios de uma cultura onde a nossa encontra a sua matriz.

Coimbra, 26 de Março de 2014.

Francisco de Oliveira
Maria de Fátima Silva
Tereza Virgínia Barbosa